

O Papel das Entrevistas na Construção de uma História da Formação de Professores de Matemática em Mato Grosso do Sul

Carla Regina Mariano da Silva²²¹

Antonio Vicente Marafioti Garnica²²²

RESUMO

Esse artigo se propõe a discutir o papel das entrevistas na construção de uma história da Formação de Professores de Matemática em Mato Grosso do Sul, como uma contribuição para a História da Educação Matemática. Discutimos os pressupostos que embasam o estudo e como as entrevistas, em consonância com outras fontes, se fizeram importante e modificaram o rumo em que o estudo se desenvolvia. A pesquisa em que esse texto se baseia objetivava estudar os cursos de Licenciatura em Matemática. No entanto, os cursos de Ciências surgiram como os atores principais e iniciais para a formação de professores em Mato Grosso do Sul. A metodologia utilizada foi a História Oral.

Introdução

Entendemos as investigações que os grupos de pesquisa dos quais fazemos parte²²³, na área de História da Educação Matemática, produzem, como movimentos, fluxos, devires. Nesses grupos, as histórias têm sido produzidas utilizando-se, na maioria das vezes, fontes orais em diálogo com outras fontes possíveis. As metodologias e teorias mobilizadas nas investigações não são estanques. Há sempre uma abertura na seleção de novos autores desde que haja coerência com o tema a ser pesquisado. Isso, entretanto, não quer dizer que não possa haver repetições, pelo contrário. Meihy, com seu *Manual de História Oral*, foi presença constante no início

²²¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e aluna de doutorado do Programa de pós-graduação em Educação Matemática da UNESP-Rio Claro. carlaremario@gmail.com

²²² Docente da UNESP - Universidade Estadual de São Paulo “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru. vgarnica@fc.unesp.br

²²³ A primeira autora participa atualmente de dois grupos de pesquisa. O primeiro deles, multi-institucional, é o GHOEM - Grupo de História Oral e Educação Matemática; o outro, vinculado à UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – é o HEMEP, História da Educação Matemática em Pesquisa.

dos trabalhos²²⁴ do GHOEM, e alguns dos procedimentos utilizados ainda atualmente na realização de entrevistas (como a produção da textualização e o uso da carta de cessão) se aproximam daqueles discutidos pelo autor nesse texto.

Podemos dizer que nesse movimento de produção, há mudanças e permanências, que se justificam pela singularidade de cada pesquisador. Temas anteriormente estudados podem indicar o uso de metodologias ou teorias distintas daquelas até então utilizadas pelo grupo.

A discussão a respeito do movimento da pesquisa histórica no século XIX e XX e sua cientificação também estiveram presentes no início dos trabalhos dos grupos, uma vez que uma das pautas de mudanças, como a utilização de fontes não oficiais, é um dos pontos fortes do trabalho que vem sendo feito. Segundo Le Goff (2005), o movimento da História Nova (estudado em alguns momentos pelo grupo) pode ter fomentado o (re)surgimento da História Oral, uma vez que nele há sinais da necessidade e vitalidade da ampliação de documentos históricos e, com isso, do uso de documentos orais.

A história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova, documentos de primeira ordem. (LE GOFF, 2005, p. 36-37)

Fontes como jornais, revistas e diários, entre outros, só foram consideradas tendo potencial de se transformar em fontes históricas a partir da primeira metade do século XX, quando foram postas em paralelo com outros textos tradicionalmente aceitos. No entanto, as narrativas orais, embora aceitas, foram consideradas, em muitos casos, como necessárias apenas quando não se tinha acesso a outras fontes para a pesquisa (MEIHY,

²²⁴ Dentre as várias pesquisas do grupo, citamos as que julgamos terem sido as primeiras relacionadas diretamente com a formação de professores de Matemática: LANDO, J.C. *O ensino de Matemática em Sinop nos anos de 1973 a 1979: Uma História Oral Temática*, Monografia (Especialização) 2002. BARALDI, I.M. *Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção*. Tese (Doutorado), 2003. MARTINS, M.E. *Resgate Histórico da Formação e Atuação de Professores da Escola Rural: Um estudo no oeste paulista*. Relatório Final (Iniciação Científica), 2003. GALETTI, I. P. *Educação Matemática e Nova Alta Paulista orientação para tecer paisagens*. Dissertação (Mestrado), 2004.

HOLANDA, 2007), uma vez que o oral seria menos confiável do que o escrito, necessitando, assim, de conferência para garantir sua credibilidade.

Essa desqualificação da fala diante da escrita pode ter seu fundo na dicotomia existente entre uma vertente dos estudos linguísticos que contrapõe a fala e a escrita. Marcuschi (2010) classifica tal vertente como uma perspectiva ou tendência de estudos chamada dicotômica. Nessa tendência, o foco está no código do fato linguístico e não no uso, e disso decorre um distanciamento entre fala e escrita.

Num sentido contrário a esse, o autor entende a fala e a escrita como modalidades de uso da língua, e enquanto a fala seria “uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral”, a escrita seria “um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros” (MARCUSCHI, 2010, p.25/26). Definidas assim, a fala e a escrita podem ser vistas não como duas modalidades opostas, o que poderia incitar um preconceito com a primeira, mas como dois modos de linguagem que se relacionam em um contínuo, sem que o código dessas duas formas comunicativas seja o foco.

No trabalho histórico ao qual esse texto se refere, a principal fonte utilizada foi produzida oralmente, e posteriormente transcrita e textualizada (ou (re)textualizada, se considerarmos a posição de Marcuschi). Acreditamos, assim, serem essas entrevistas formas textuais produzidas em coautoria (entrevistador e entrevistado) que, após serem transcritas e editadas, compõem o texto da pesquisa. Apesar da gravação da entrevista já ser um texto, o seu uso na investigação se restringe ao que Marcuschi (2010) chamaría de “o texto alvo”, ou seja, a textualização.

Discutiremos nesse trabalho o papel dessas entrevistas ao se produzir histórias sobre a formação de professores de Matemática no estado de Mato Grosso do Sul. Falaremos um pouco do estudo em si, dos pressupostos que o embasam, das entrevistas e seu papel nas pesquisas, e de como essas entrevistas estão nos ajudando a contar histórias.

História da formação de professores de Matemática no estado de Mato Grosso do Sul

Há um projeto sendo desenvolvido pelo Grupo História Oral e Educação Matemática-GHOEM que pretende mapear os movimentos de formação e atuação de professores de Matemática no Brasil e, mais especificamente, pelo Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa - HEMEP, com foco no estado de Mato Grosso do Sul, no qual nosso trabalho se anora. Esse mapeamento pode ser entendido como a busca por elementos que possibilitem discutir alguns fatores que, em uma determinada época, permitiram a abertura de cursos de formação de professores de Matemática, bem como aspectos que culminaram na estruturação da legislação que rege os cursos que funcionam ou funcionaram em determinada região.

Especificamente como parte desse mapeamento, estudamos a década de 1970, por ser o marco temporal no qual se deu oficialmente a criação, em Mato Grosso do Sul, de cursos de graduação para a Formação de Professores que ensinam Matemática. O foco da pesquisa, por não ser estanque, foi se modificando no decorrer dos estudos, e hoje está nos cursos de curta duração ou licenciaturas em 1º grau em Ciências que foram os primeiros cursos de graduação oferecidos para a formação específica de professores de Matemática no referido estado.

A partir desse objetivo, essa investigação vem sendo feita seguindo os preceitos da História Oral, que consiste em uma metodologia na qual se tem o propósito de criar fontes históricas a partir de narrativas. Essa metodologia, como já dissemos anteriormente, vem sendo utilizada pelos grupos citados e tem como um de seus aspectos centrais a produção de fontes históricas, tomando-as de forma ampla, não se restringindo apenas a documentos oficiais, mas incorporando também aquelas produzidas a partir de relatos daqueles que vivenciaram a história que se quer contar. Apesar da nomenclatura, não pensamos a História Oral como restrita à mobilização de documentos orais, principalmente quando o viés da investigação que propomos é historiográfico. Buscamos também, nesses casos, atas de reuniões, projetos políticos pedagógicos dos cursos e o que mais estiver ao nosso acesso e que nos ajude a contar a história.

Entendemos a pesquisa historiográfica como uma produção na qual não há intenção de *reconstruir* algo e, sim, de construir histórias a partir de narrativas do presente sobre o passado. Apesar de advogarmos pela utilização de múltiplas narrativas, não temos a intenção de confrontá-las a fim de verificar se são “verdadeiras”, ou se uma é “mais verdadeira” que outra, mas sim, a partir delas, produzir histórias plausíveis. Produzimos histórias em sua processualidade na medida em que interpretamos as narrativas as quais se tem acesso. A cada novo ingrediente, a cada nova leitura, a cada nova afetação, uma outra história se configura e, ao ser contada, é fixada em uma linearidade – a linearidade do texto, seja falado ou escrito.

Os textos produzidos a partir desses pressupostos, em meio oral, via entrevistas com pessoas que vivenciaram a formação de professores de Matemática em Mato Grosso do Sul, são chamados aqui de textualizações, e têm papel principal na história que se pretende contar. Ela própria, no caso desse estudo, é a história da formação de professores de Matemática em Mato Grosso do Sul produzida a partir de perguntas formuladas pelo entrevistador.

No entanto, boa parte das pesquisas que fazem uso de entrevistas, a entendem como um auxílio posterior à observação e como um meio de “coleta” de dados digamos, “complementares”, ou seja, elas são mobilizadas nos casos em que não há outras fontes disponíveis, ou quando as que existem não são suficientes.

Goldenberg (2004) ao falar sobre a realização de entrevistas para a pesquisa em Ciências Sociais, diz que é necessário que o entrevistador saiba muito sobre o assunto a ser pesquisado para não fazer perguntas desnecessárias cujas respostas poderiam ser encontradas em outras fontes, e ainda diz que tanto a entrevista quanto o questionário são instrumentos para se conseguir “respostas” que não seriam possíveis com outros instrumentos.

Eco (2007), ao discutir sobre as fontes históricas, as classifica como de primeira e de segunda mão e diz que essa classificação está relacionada ao objetivo da pesquisa. Um exemplo citado por ele é o de um estudo sobre os discursos parlamentares de Palmiro Togliatti²²⁵ e suas possíveis fontes. Os discursos publicados em um

²²⁵ Palmiro Togliatti foi secretário geral do Partido Comunista Italiano. Eco (2007) utiliza como exemplo uma tese que estudou “A política educativa do PCI desde o centro-esquerda até à contestação estudantil” para discutir a utilização de fontes e, especificamente para falar sobre fontes de primeira e segunda mão,

determinado documento constituiriam-se como fontes de segunda mão, uma vez que o redator pode ter cometido erros, enquanto as Atas parlamentares seriam fontes de primeira mão e, ainda, um texto produzido por Togliatti seria uma fonte de primeiríssima mão. Por essa referência a Eco, vemos que algumas vezes o que faz com que a entrevista seja relegada a segundo plano, ou vista como algo de “segunda mão”, é a crença em uma verdade única, que pode ser modificada por aquele que escreve o discurso do outro. Por não seguirmos essa crença, utilizamos no estudo todas as fontes às quais tivemos acesso, e a opção pela entrevista não se deu pela inexistência de outra fonte, como alguns autores defendem, mas, sim, por acreditarmos que a narrativa que vem da entrevista nos possibilita contar uma história a partir de uma multiplicidade de perspectivas. Assim, propomos a discussão das possibilidades surgidas durante a produção de entrevistas, enfatizando a importância desses objeto/procedimento nas pesquisas em História da Educação Matemática.

A produção de entrevistas

É possível encontrar vários termos que insistentemente vêm à cena quando surge o tema “entrevista”: qualidade, rigidez, critérios, estruturada, informal, focalizada, por pautas... Esses termos e adjetivações muitas vezes, pensa-se, deveriam informar o modo como a entrevista foi feita. A entrevista é tomada por Goldenberg (1997) como uma técnica de coleta de dados na qual há uma parte que sabe, o entrevistado, e outra que está ali para “recolher” as informações para depois confrontá-las a fim de garantir a verdade na pesquisa. Outros ainda entendem a fala do entrevistado como a verdade dos fatos ocorridos já que ele esteve presente no contexto que é foco de seu relato. (GOLDENBERG, 1997)

Entender a entrevista dessa forma, acreditamos, é não aproveitar as potencialidades que essa possui. Não entendemos a fala do entrevistado como “a verdade” dos fatos, mas sim como uma maneira de ampliarmos as perspectivas em uma produção distinta das oficiais. A subjetividade da entrevista, que no passado era negada como uma fonte científica exatamente por não ser neutra, é o que a torna tão importante

supõe uma pesquisa sobre os discursos de Palmiro Togliatti, apenas para exemplificar as diferenças entre uma e outra.

na produção das histórias, concebendo essa produção de histórias, obviamente, no viés que aqui defendemos.

Em nosso estudo sobre a formação de professores em Mato Grosso do Sul, assim como nas demais realizadas pelo grupo, a entrevista é uma produção realizada pelo entrevistado e pelo entrevistador que, marcada por traços de subjetividade, possibilitam a criação de uma fonte em sintonia com o objetivo da investigação. Se nosso interesse é pesquisar a criação e implementação de um curso que formou professores em determinada região, a fala daqueles que participaram desse momento pode nos trazer inúmeras contribuições, diferentes perspectivas e múltiplas leituras de mundo.

Com o objetivo em mente, passamos então à produção dos dados a serem utilizados na pesquisa. No caso específico da entrevista, a produção do roteiro, a escolha do tema, o momento em que as perguntas são feitas, bem como a posição do entrevistador frente ao entrevistado influenciam a produção do texto, colocando o entrevistador como agente diretor da entrevista. O entrevistado, por outro lado, além de responder o que lhe é perguntado, é quem realmente decide os rumos da conversa, quais pontos serão ressaltados, quais serão omitidos, quais serão confidenciados, sem direito à divulgação. Como uma das preocupações da investigação é a de produzir fontes históricas, trazemos as narrativas na íntegra no corpo do texto. Não trabalhamos com excertos de falas, mas com as narrativas integrais.

Há um cuidado ético na produção da entrevista que inclui alguns procedimentos que visam a preservar o entrevistado. Utilizamos um gravador ou uma câmera de vídeo para registrar o momento, uma vez que a fonte será criada a partir do dito (convém ressaltar que a gravação de uma entrevista já consiste em uma maneira de fixar uma história), feito isso, passamos para a fase da transcrição, na qual buscamos registrar o que e o modo como a entrevista se deu de uma forma o mais próxima possível do que e do como ocorreu²²⁶, mantendo, nesse primeiro momento, vícios de linguagens, pausas e repetições nas falas dos entrevistados. O próximo momento é aquele em que buscamos criar um texto que faça com que nele o entrevistado se reconheça. A ideia é que o texto produzido seja posteriormente validado pelo entrevistado como algo que ele diria, não

²²⁶ Reconhecemos a impossibilidade de registrar o que ocorreu do modo como ocorreu, pois o momento da entrevista, como qualquer momento do discurso, é irremediavelmente evanescente. Ainda assim, aspectos gerais do que ocorreu devem ser registrados o mais detalhadamente possível nesse momento, para que posteriormente, no momento da textualização, se for o caso, possam ser considerados ou descartados.

como registro do que ele efetivamente disse e de como disse, posto que o agente textualizador é o entrevistador-pesquisador, não o entrevistado.

Essas entrevistas produzidas em um movimento de coautoria entre entrevistado e entrevistador, apesar de não serem as únicas, são as principais fontes dessa pesquisa. Advogamos aqui que elas são as principais uma vez que nos parecem ser as mais adequadas à pergunta que norteia o estudo. Por mais que haja subjetividade no documento escrito, ele foi, em um determinado momento fixado, ou seja, não sofreu atualizações²²⁷ e em relação a isso também a entrevista nos parece oferecer uma vantagem. Como um exemplo, cito o registro de brigas políticas, impronunciáveis em uma determinada época, que, com o tempo, puderam ser narradas sem maiores problemas.

As entrevistas na história da formação de professores de Matemática em MS

A opção pelas entrevistas como fontes foi pensada por ser possível explorar vários aspectos, inclusive os subjetivos, da formação de professores de Matemática em Mato Grosso do Sul, e por acreditarmos ser essa a melhor maneira de se buscar elementos que nos possibilitam conhecer e discutir alguns fatores que, em uma determinada época, permitiram a criação de cursos, além de aspectos que culminaram na estruturação da legislação que rege os cursos que funcionam ou funcionaram no estado.

Um exemplo disso pode ser visto em uma das entrevistas feitas para o estudo à qual este texto se vincula. Havia um roteiro pré-definido (quadro 1) que tinha como objetivo oferecer um apoio ao entrevistador durante a entrevista. O roteiro foi produzido contendo itens propositadamente abertos, que em boa parte não se constituíam propriamente como pergunta, mas como pontos a serem discutidos. O momento e a relação entrevistado/entrevistador ditaria o modo como essas perguntas seriam feitas.

²²⁷ Mesmo entendendo que o texto é sempre produzido pelo leitor no ato da leitura, utilizamos aqui o termo “atualizações” por entender que ao escrever uma história, o autor fixa umas das possíveis histórias que se pode contar. Utilizando a noção de Regime de Historicidade, dizemos que a história foi produzida/fixada a partir do que se podia contar em determinada época. Em outros momentos, outras coisas podem ser ditas e fixadas. Para ressaltar essa dinâmica da produção de significados, a esse movimento contínuo de produzir histórias, possibilitado pelas entrevistas, chamamos “atualizações”. Essa, porém, é uma prerrogativa das entrevistas que se dá no momento da interlocução e continua apenas por um pequeno período após essa interlocução, pois tornada registro escrito, só uma outra entrevista ou um outro documento escrito, nessa dinâmica de produção de fontes, poderá atualizar o que foi fixado pela escrita a partir da entrevista e, portanto, a partir da atualização.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

I. FASE INICIAL: APRESENTAÇÕES

- Gostaria que você falasse um pouco sobre você:
- Em nossas entrevistas, sempre pedimos para nossos colaboradores se apresentarem do modo como eles gostariam de serem apresentados aos leitores de nossas pesquisas: como você se apresentaria? qual a sua origem (datas, locais, contextos...).
- sua formação básica, na graduação e pós-graduação.
- sua atuação como aluna e coordenadora
- Como se deu sua aproximação com o curso?
- Por que decidiu fazer esse curso?
- Como chegou a exercer suas funções neste curso?
- Como foi contratado?
- Quais os pré-requisitos para que você se vinculasse ao curso
- A carreira docente/a carreira administrativa no Curso

II. A CRIAÇÃO DO CURSO

- Como, segundo sua perspectiva, e segundo as informações que você tem, o Curso foi implementado/criado?
 - As condições para a instalação do curso
 - A relação dos professores
 - Incentivo ou apoio
 - Participação de outros agentes (sociais, políticos, da comunidade, interesses vários etc.).

III. FUNCIONAMENTO DO CURSO

- Como, segundo sua perspectiva, funcionava o curso?
- Qual era o título de graduação que ele possibilitava? Licenciatura curta/habilitações...
- Como foram os primeiros anos do curso? (Datas, locais...)
- Quem eram os professores (origem, formação, tempo de permanência)?
- Segundo sua perspectiva, qual o cotidiano docente dos professores que atuavam no curso?
- Os objetivos do curso: qual o perfil do profissional que, segundo seu ponto de vista, deveria ser formado?
 - Estrutura curricular
 - Disciplinas de maneira geral, específicas e pedagógicas.
 - Sistema de ingresso (Vestibular? Segundo sua perspectiva, como eram esses exames?).
 - Procura/concorrência (como eram, segundo seu ponto de vista, os alunos que o curso recebia? Qual o perfil dos alunos que procuravam o curso? Qual o perfil dos que ingressavam? A que parcela da população o curso atendia?).
 - Permanência dos alunos (informações sobre evasão, número graduados...).
 - Horário de funcionamento
 - As condições estruturais (salas de aula, prédios, biblioteca, outros ambientes...).
 - As atividades de pesquisa
 - As atividades de extensão
 - Os materiais didáticos utilizados
 - O contato com outras instituições

IV. UMA PANORÂMICA

- Como você percebe o curso que o formou e atuou e sua relação com a educação básica da época?
- A importância desse curso de matemática para a cidade e a região
- Há dados sistematizados sobre os egressos?
- E com relação a outras instâncias/outros projetos de formação da época?
- Como eram as manifestações políticas no estado na época de vigência do curso, enquanto você esteve vinculado a ele?
- A divisão do estado teve, segundo sua perspectiva, algum impacto na criação e/ou no funcionamento do curso?
- Por favor, nos conte sobre suas experiências em relação a este curso, suas impressões, suas funções, os demais profissionais que lá atuavam, casos singulares... O que você julgar que poderia nos ajudar a criar um contexto para o curso, sua criação e seu funcionamento.
- Você tem (e poderia nos disponibilizar) materiais que nos ajudem a investigar os primeiros cursos de formação de professores de Matemática no Mato Grosso do Sul (fotos e outros documentos como atas, cadernos, livros, diplomas, anotações...)?

Quadro 1

Com o roteiro em mãos, iniciamos as entrevistas. Em uma delas, mesmo a entrevistadora tendo se preparado e produzido o roteiro, a cada pergunta formulada a entrevistada sempre retornava a um determinado assunto: as tentativas de manter em funcionamento um determinado curso de licenciatura em Matemática já que, apesar dos esforços, em 2004 aquele curso havia sido extinto. Mesmo quando a questão pendia a uma direção, a resposta insistia para outro lado, retomando o tema do fechamento do curso. Esse movimento foi um indício do quanto as tentativas de se manter a Licenciatura foram importantes para a entrevistada, e é um exemplo do quanto ela sentia necessidade de falar sobre isso, muito mais do que sobre o que lhe era perguntado. Esse aspecto reforça o caráter de coautoria da entrevista. Por mais que o roteiro tenha sido elaborado pelo entrevistador, muitas vezes é o entrevistado quem dita o tom da entrevista, restando ao entrevistador estar atento. Além disso, este é um bom exemplo de como, com perguntas abertas, este modo de condução de entrevista propicia elementos outros que não seriam visíveis em outras produções como um questionário, ou mesmo com perguntas fechadas, por exemplo. Acreditamos que qualquer texto (e aqui se incluem as entrevistas), sempre diz mais do que pretende dizer, ou melhor, a partir de qualquer texto, sempre podemos fazer muitas leituras que, em muitas vezes, realçam aspectos que nem o autor tinha a “intenção” de dizer ou de ver realçados.

Uma das primeiras informações que conseguimos a respeito da formação de professores de Matemática no estado de Mato Grosso do Sul veio por meio do site *e-mec*²²⁸, no qual é possível realizar uma busca, por estado ou instituição, dos cursos brasileiros. A primeira busca pautou-se pelos cursos de Licenciatura em Matemática, e com uma primeira listagem em mãos, demos início às entrevistas. No entanto, o relato de nossos entrevistados modificou o panorama que havia sido previamente pensado, alterando as perspectivas da pesquisadora e da pesquisa, já que os cursos de Ciências teimavam em aparecer como atores principais da pauta. Ainda na década de 1970, os cursos de Licenciatura de 1º grau em Ciências foram abertos em cinco cidades da região Sul do Mato Grosso, atual estado do Mato Grosso do Sul, sendo quatro oferecidos na Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT – nas cidades de Três Lagoas, Dourados, Corumbá e Aquidauana) e um oferecido na FUCMAT (Faculdades Unidas Católicas Dom Bosco, em Campo Grande). Campo Grande, apesar de ser, à época, uma

²²⁸ <http://emece.mec.gov.br/>

das mais importantes cidades do Mato Grosso (que se tornaria capital em 1979, com a divisão do estado), não foi contemplada com um curso de Ciências, o que nos intrigou.

Fomos à busca de explicações sobre como tais cursos eram oferecidos e qual legislação permitia sua criação, uma vez que, também por entrevistas, recebemos informações de que esses eram os únicos autorizados a funcionar em uma determinada época.

É fato que, mesmo antes das entrevistas, quando da primeira consulta via *e-mec*, nos indagávamos se havia alguma outra formação institucionalizada para os professores de Matemática no estado antes de 1981 (data da criação do curso de Licenciatura em Matemática da UFMS/Campo Grande), uma vez que nas décadas de 1950 e 1960 a população da região em que hoje se localiza o estado do Mato Grosso do Sul havia duplicado.

A data da criação do curso de Licenciatura em Matemática da UFMS/Campo Grande, apesar de ter permanecido a mesma, foi vista de outra forma após a entrevista, uma vez que a criação do curso em 1981 só foi autorizada após várias tentativas. Com a criação da Universidade Estadual de Mato Grosso, em 1970, foi criado no campus de Campo Grande o curso de Engenharia e contratados professores de Matemática recém-formados que, ao chegarem ali, queriam criar um curso aos moldes daqueles que havia frequentado como graduandos, ou seja, uma Licenciatura plena em Matemática, e não uma Licenciatura em 1º grau em Ciências. No entanto, parece ter havido uma política, por parte da Universidade, de criação de cursos de Ciências para a formação de professores de Matemática que, por sua vez, estava em consonância com a política federal de formação de professores.

Como os professores recusavam-se a participar da criação de um curso nos moldes vigentes, ficaram por quase dez anos movimentando-se com a intenção de criar um curso de Licenciatura Plena. Portanto, as nossas perspectivas prévias foram alteradas do mesmo modo como foram alteradas as perspectivas dos professores que, segundo seus relatos, foram levados a dedicar-se ao – visando a futuramente subverter o – modelo dos cursos de Ciências e às legislações que dispunham sobre as diretrizes para a criação de cursos de graduação.

Essa luta pela criação de um curso de Licenciatura em Matemática, ao invés de um curso de Licenciatura em 1º grau de Ciências, só chegou ao nosso conhecimento a

partir de nossos entrevistados que, segundo seus relatos, entendem esse movimento, mesmo que anterior à criação do curso, como de fundamental importância para a História da Formação de Professores de Matemática em Mato Grosso do Sul.

Para começar a discussão

Discutimos aqui dois aspectos trazidos à tona a partir de momentos de entrevistas que, de certo modo, modificaram o foco inicialmente proposto para o estudo. Esse movimento de alteração nos leva a questionar sobre quais fontes devem ser privilegiadas em uma investigação historiográfica. Como uma primeira reflexão, podemos dizer que deverão ser aquelas que mais se adequarem ao objetivo inicialmente proposto. Acreditamos que não há uma fonte mais “legítima” que outra, mas há aquela que parece responder melhor aos pressupostos do pesquisador e ao objetivo da pesquisa.

A disputa pela prioridade ou pela importância de uma ou outra fonte apenas enfraquece a área de História da Educação Matemática. As críticas e a análise sobre as investigações devem ser feitas buscando detectar se há ou não coerência entre o que a investigação propõe, os métodos adequados para se atingir os objetivos propostos e os pressupostos que sustentam todo esse edifício, e parece equivocado avaliar uma investigação historiográfica sem considerar seus métodos e fontes. Não há produções neutras nas quais não se encontram traços de subjetividade uma vez que todas as fontes só se tornam fontes por terem sido produzidas com objetivos e intenções específicos, impostos pelo sujeito que as utiliza/cria a partir de suas leituras.

Referências

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007. 175 p.

LE GOFF, Jacques. A História Nova: A História Nova. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **A História Nova.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 32-89. Tradução de Eduardo Brandão.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 133 p.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 107 p.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese em ciências humanas.** 13. ed. Barcarena: Editorial Presença, 2007. 239 p. Tradução de: Ana Falcão Bastos e Luís Leitão.